1.º ANO 1.ª SÉRIE N.º 11

Semanário humorístico e literário

Propriedade da Emprêsa do PARDAL

Director e editor: Luís Teixeira Jacinto — Administrador: António Dantas

Redacção: Campo da Misericórdia, 13
Administração: Rua de Paio Galvão, 70

Composto e impresso nas oficinas da Tipografia Minerva Vimaranense

Guimarães, 11 de Junho de 1916

TORNEIO

Com uma linda tarde de sol e com o seu posinho à mistura, realizou-se no passado domingo, no *redondel* da Feijoeira, uma toirada, cujo gado saiu bastante manhoso.

As bancadas estavam repletas de gentis olhares e *toilettes* garridas—bela assistência—.

Pena foi, que a mosca não fizesse com que o gado saisse do curro à valentona e desse à esgueira. Parecia matreiro conhecedor do *mitier*, pois nem à fôrça de aguilhadas, aplicadas pelo rapazio, conseguiram que os bois marrassem...

E francamente, parecia que a natureza se revoltou contra tamanha barbaridade.

E' certo que é um *sport*... mas com franqueza é um *sport* muito tosco; isto, para não empregarmos outro termo que vá ferir qualquer dos artistas que nele tomaram parte.

A's gentis damas, recomendamos que evitem procurar tais divertimentos; para desopilar, recomendamos-lhe sim... o *foot-ball*, aqui não se assassina... o mais que pode acontecer é os artistas suicidarem-se... Mas vale mais ver um suicida do que ver um assassinado.

Ao primeiro deve-se o crime à sua consciência; é o próprio destino que pratica o crime; no segundo, é o homem o assassino. Contra a consciência, não podemos repudiá-la nem introduzi-la num cárcere... enquanto que no segundo caso, temos a Sociedade Protectora a tomar conta dele e a levar para o tribunal o autor da proeza.

Há coisas singulares! Então a sociedade, aplica multas de um escudo e mais por uma criatura dar uma picadela num boi ou vaca; por levar um galo de cabeça para baixo e por outros delitos vários, e no *redondel* da Feijoeira autoriza o tiro, a pedrada, não se importa até que o rapazio ande continuamente a dar com as cabeças das pobres pombinhas—elas que nem fel teem como os bois—pelas pedras e pelas táboas.

Qual será mais bárbaro? fazer sangue num boi ou extrair à custa de mocadas os miolos das pombas inocentinhas?

Que me responda a Sociedade Protectora dos Animais... Há *sports* que nunca deviam ter visto a luz do dia.

Lá que se jogue o *tenis*, se *dance*, se dê a sua *cabeçada* com o corpinho à pai Adão no rio, achamos lindo, belo, gostamos até...

Agora que se compre uma escupeta para com chumbo mandar uma pombinha pró outro mundo... isso *carêdo* nem com açúcar a gente come disso...

Não que nós quási estivemos para apanhar com um greiro pela fronte se não tivessemos a habilidade de nos colocar em sítio seguro...

Pardal.

O Pardal na depenicadela

Um roubo curioso

Em Rio Caldo, noticia o jornal «Maria da Fonte», *deu-se há dias um caso singular: roubaram S. Bento da Porta Aberta! mas não haja confusão: roubaram mesmo o santo—a própria imagem de S. Bento e não outros objectos ou dinheiro.*

Até os santos, nêstes tempos de grande miséria, correm perigo.

Ora imaginem V. Ex.as que roubo tam extraordinário.

Roubar assim um santo sem mais aquelas, é caso.

Já nem os santos escapam!

Livra!

Vivemos sem dúvida num santo país.

*

Foi preso em Coimbra Francisco Ribeiro, de 12 anos de edade, por ter furtado 200$000 mil réis ao sr. M. Canais.

Muito novinho mas já com habilidade.

Se crescer há-de dar grande com certeza.

Daquela massa é que êles se fazem... ladrões.

Quando por essas vielas escuras de Guimarães vêmos passar aos pares, aos bandos, êsses garotitos enfezados e rotos, de faces sumidas e de olhar furtivo e incerto, nós agouramos-lhes mal, porque êles teem sómente como mestra e como escola a rua. Aos sábados, êles aí caem na praça do mercado em grande enxame, sendo a praga damninha das vendedeiras de fruta e a consumição dos policias.

Olhar para tudo isto faz pena, pois que o fim dêsses garotitos esfaimados, deitados à vadiagem sem amor e sem escrúpulos pela família, é desgraçado e triste.

Assim principiam.

*

O sr. Sardinha veio há dias fazer uma conferência ao Pôrto.

Quando sua Ex.a tentava empolgar, com a sua presunção, a assistência que o escutava, a autoridade, em nome da sagrada *onião*, entrou em casa estranha e mandou calar a caixa ao sr. Sardinha, obrigando-o a meter a viola ao saco, na ocasião em que da sua garganta saiam os acordes mais divinos e guturais.

Para fazer comícios só em praças públicas.

*

Uma bailarina Russa segurou as suas pernas em 200 contos.

Podem ter todos os defeitos, podem ser as pernas mais aleijadas dêste mundo, mas o que é certo é que valem a linda quantia de 200 contos.

Ai quem nos dera essa linda quantia, que das pernas prescindiamos nós.

*

Quer vossência mascarar-se
P'ra que ninguêm a conheça?
E' facil:—olhe apareça
Sem trazer nenhum disfarce...

Tens vintes anos. E' verdade,
Dizes tu e assim será...
Mas há quantos anos já
E' que tu tens essa edade?

(Da *G. da F.*)

O Pardal na galeria

Várias

Teatro D. Afonso Henriques

Segunda-feira, 19

Grandioso espectaculo em honra de Luis Teixeira Jacinto, autor da revista **Tarde piaste!...**

Com o 1.º e 2.º acto da espirituosa revista e o 3.º acto da revista **Ai que fita!...** com números novos.

Numeros e rábulas novas da **P'ra cá vens de carrinho!...**

TARDE PIASTE!...

O Homem dos projectos
O Fado da Elegancia e da rua
O gelo e a lareira
Faz mandanela
Idilio campestre
A morna
O Tango
O ministério Vimaranense
Era meia noite eu a empurrar a porta
Novas apoteoses
Trinta números de música
Noite de entusiasmo.

Em Foco

E' uma distinta aluna do nosso liceu a quem hoje prestamos as devidas homenagens, pondo em destaque os dotes que mais a caracterisam.

As faces rosadas e os lábios pequeninos de carmim esbanjando-se em meigos sorrisos de perfume, imprimem-lhe no rosto de cutis aveludada, aquêle dom que fascina.

Os olhos dum vivo resplendor, denunciadores duma enorme tracção amorosa, derramando sentelhas coroscantes de luz redentora, incutem o afecto ardente no coração de quem a contempla em extase de praser.

ALDA

Aquêle olhar que irradia
luz e brilho aurifulgente,
ou a expressão da alegria
amargura de quem sente.

Espirito folhasão e jovial!

No palco por várias vezes tem patenteado a sua artística vocação.

Teve no seio da alegre e risonha criançada das Escolas, onde a autora dos seus dias, vem ensinando com carinho e amor maternal, a bendita instrução, alma-mater dêste enorme oceano da Vida, em que infelizmente navegam à mercê das ondas, muitas almas rudes e incultas.

Guimarães, Junho de 1916.

PARAÍSO.

A uns olhos

Os teus olhos de candura
São dois botões, onde em flor,
Se veem brotar com ternura,
Doces requebros d'amor.

São estrelas em fulgor
Onde a alegria viceja;
São o leito d'esta dor
Que sôbre minh'alma adeja.

Se me fôsse permitido,
Dêles então eu faria
O descanço definido

Do meu profundo pesar,
Que jámais suportaria
Se não fôsse o teu olhar.

Guimarães, Junho de 1916.

A. F. F.

O Pardal aos Domingos

Pelo telégrafo:

Exceledtissimo Senhor Ministro:
Subjacentes veloz cavalaria
seceando aconteça algum sinistro
se *jesuita* entrar fusilaria;

Como já outros colegas acordaram
atentados gerais separação,
reunimos e todos relincharam
geral, calorosa aprovação,

Que pela nossa parte, não querer,
ao caír, pernear ou falecer,
quenquer de manto preto ou capelão...

Desprezar petição cavalgaduras
será negar dureza ferraduras
dêsses que como nós protestarão.

TIRTEU.

O Pardal no Museu

A apoteose do 3.º acto da revista «Tarde piaste!»

—A cabeleira do autor!

—A calva do Leite ponto!

—O talento invulgar de certos *snobs!!!*

—A ornamentação da festa artística de Nena Corona e Fernandes Oliveira.

—A pera do Tono Zé e os óculos do Afonso.

—As barbas do Metralha.

—Os três ensaios da revista «*Tarde piaste*».

—O Eduardo atrapalhado com camarotes.

—Os córos da revista «*Tarde piaste*».

—O cascarrão que o Dr. deu por causa da caricatura.

—A porta da tabacaria Lemos.

—O sucesso da «Ai que fita!»

—A freguezia do Simão Costa barbeiro.

—Os cartazes pintados pelo Malta.

—As críticas do «Republicano».

—As barbas do Portugal.

—O talento de certas madurezas.

—O projecto da nova Avenida!

—O largo de Traz S. Paio.

—A polícia cá do burgo.

—O cavalo do Alferes da Guarda.

—O milho que vem para a cidade!

—A falta do dito!

—O celeiro municipal!

—A exportação dos feijões.

—A esquadra de polícia armada em mercearia.

—A telha do Vilontra.

—Os acrósticos do «Comércio».

—O serviço da polícia feito à porta do teatro.

—A iluminação da casa «Londres em Guimarães» a *tocos* de velas.

—A Associação a reunir para tratar do assumpto com maior urgência.

—O snr. Jordão a rir-se de tudo e a fazer tudo.

O PARDAL NOS PENSAMENTOS E DITOS

O *cachorolete* é para mim a revista de maior sucesso.

A. Guise.

A falta da *xumbeira* obrigou-nos, a não caçarmos nada.

Jacinto.

Esperava que na «*Tarde piaste*» aparecesse lá a minha pessoa! Obrigado ao autor.

Aureliano.

Que rica casa!

Nena e Oliveira.

Se mais tivera... mais passára.

Nena.

Não há como a gente ser amável.

Oliveira.

Foi reclame e em verso.

Benjamim.

E o meu foi de caixa.

High-Life.

Quem me mandou a mim, tocar rabecão.

Jacinto.

Foi de caixão à cova!

Arlindo.

Nem tudo que luz é oiro!

Peixoto.

Era cada peixe que pareciam camarões. Um até rebentou ao comer a môsca.

Malta.

Estou constipado não posso cantar.

Pereira.

Eu substituo, pois tenho uma fina voz.

Domingos.

Se há falta de actores, estou ás vossas ordens.

João Alves Mendes.

Oh! filhos agora já não dou *casca*.

Lerdeira.

Já lá vai parte do pelo.

Viana.

Já não era sem tempo.

Alfredo Vasconcelos.

No torneio quási tirava o 1.º prémio. A minha espingarda!

A. Costa.

Se eu lá fôsse fazia melhor figura.

Augusto Fernandes.

O Pardal em ceara alheia

Graça doutros

(Imitações do espanhol)

V

Certo dia á sua mãe,
Um menino, perguntava,
A qual dos cinco que olhava
Poderia chamar pai.
Mas duvidosa como êle,
Sua mãe lhe respondeu:
—Teu pai, não sei, filho meu;
Mas meu marido é aquele.

Pôrto.

EDURISA.

Gemidos da nossa lira

Trovas oferecidas ao nosso poético povo

(Cancioneiro para violas e instrumentos de corda e palheta: para instrumentos também de peles e ferrinhos: para dar a afinação precisa o cantador ou cantadeira tem de cantar, sentimentalmente, senão... lá se vai a festa... Clave de sol: tom menor...)

XLI

Isto é noite, o sol é posto,
Meu amor já cá não vem,
Ou a conversa é de geito,
Ou alguêm o entretem.

XLII

Se queres cantar comigo
Cantigas ao pôr do sol,
Puxa lá pelo teu livro
Que eu puxo pelo meu rol.

XLIII

Ouvi dizer ao luar,
Com três vozes na garganta:
Oh! quem pudera cantar,
Que quem canta seu mal 'spanta.

XLIV

Quem tem pecegueiro à porta,
Tem regalo e sombra boa;
Tu de bonita tens fama
Dos montes até Lisboa.

A. PIRES.

Anunciam-se grátis todas as publicações literárias, mediante a permuta dum exemplar.

O Pardal no dicionário

Cartas—São papeis.

Casaca—Véstia de dois rabos. Grilo aumentado. Serve também para fazer mudanças de situação politica.

Casamento—A maior tolice que se faz ao largar a vida de solteiro.

Casar—O mesmo que vestir mais uma albarda.

Cascata—Uma sogra, feia, velha e toda pinoca.

Caseiro—Cidadão que come três partes e cede apenas uma.

Cauda—Excrecência própria dos animais e de algumas dignidades.

Caustico—Um emplastro, a sogra por excelência.

Cavalheiro—Nome que muitas vezes se dá a um cidadão, sem honra nem vergonha.

Cavalo—Animal que poupa aos pobres o levar às costas os ricos e poderosos.

Ceder—Coisa que não sabem fazer os teimosos, nem os filósofos.

Cego—O que não vê ao travez de uma peneira.

Cegueira—Organização particular do ôlho, que impede conhecer-se um amigo, quando cai na desgraça.

Celibatário—Homem, que não sustenta mulher nem filhos.

Cemitério—República de verdadeira igualdade.

Censor—O nosso General.

Censura—Pedaços em branco que atualmente são muito freqùentes.

Cérebro—Parte da cabeça, que em muitos está vazia e em outros cheia de ar.

Cereja—Fruto doce mas que nos faz mal engulindo o carôço.

Cesto—O que faz um, faz um cento.

Cheirar—E' com o que se contentam os que desejam comer, e não podem.

DR. XABREGAS.

—Não conhece êste sujeito,
Êste padre exemplar?
—Não conheço, meu amigo.
—E' o senhor padre Gaspar.

Comissário em S. Francisco,
Acérrimo defensor
Da Fé, da Crença e Virtude,
Da religião do Senhor.

Importante orador sacro.
Jornalista vigoroso.
Escritor e dramaturgo.
Em versejar é mimoso.

Escreveu para o teatro
Um drama, aqui já há anos,
Bem urdido e dialogado,
Em três actos, *Dois Marçanos*.

Fêz um hino patriótico
A' nossa cidade qu'rida
E que toda a gente canta:
«O' Guimarães, teu progresso, tua vida»—

—Agora fico sabendo,
Pelo que o amigo me diz,
O talento que possue
O senhor Padre Roriz.

ÓSCAR DINIZ.

O Pardal para Mademoiselles

A tristeza e a saudade
São gemeas do nascimento;
Foram ambas batisadas
Na pia do sofrimento!

NOVAIS TEIXEIRA.

*
* *

Amor sem sofrimento é festa sem música.

*
* *

Há apenas um amor duradoiro: é o amor infeliz.

*
* *

A alma é como os pássaros: quanto mais se ergue, mais feliz.

*
* *

Amar, é procurar a felicidade própria na felicidade alheia.

*
* *

A beleza é uma flor cujo perfume é a bondade.

*
* *

Só há uma única rosa, sem espinhos, nêste mundo: amizade.

*
* *

A vida é um sonho que tem por fim a morte.

*
* *

A mocidade pode murchar, mas o sentimento é eterno.

*
* *

Amizade é a alma de dois corpos.

*
* *

A esperança é o sonho da pessoa acordada.

*
* *

O amor dos homens é volúvel como um pé de vento.

*
* *

O amor, quando nasce, é como o (fenix) quando cresce.

*
* *

O amor atraiçoado é sonho amaldiçoado.

*
* *

Os prazeres são flores semeadas entre os espinhos da vida.

O PARDAL CÁ POR CASA

Expediente

Prevenimos os nossos estimados auxiliares que estamos procedendo à cobrança da 1.ª série de assinatura de *O Pardal*.

Exígua como é a sua importância, uns míseros 250 réis ominosos ou uns misérrimos 25 centavos luminosos, como queiram, e ao sabor de todos, porque todos são, os que nos pagarem, muito boas pessoas, esperamos que ninguêm deixará devolver os recibos por falta de pagamento, pois que sem êsse *milho* o «Pardal» não poderá viver.

E, convictos como estamos de que ninguêm deixará de comparecer a êste chamamento, aqui deixamos o nosso agradecimento, esperançados em que não teremos de que nos arrepender por ir á frente.

Ora vamos a ver.

O PARDAL NO CARNET

Em S. Torcato, onde residia há anos, faleceu, em avançada idade, o sr. José Ferreira de Abreu, pai dos srs. Emiliano, João, Alberto, Ovídio e Carlos Abreu; irmão do sr. Manoel Ferreira de Abreu e sogro do sr. José Augusto Ferreira Vieira, negociante portuense.

A' familia anojada os nossos sentimentos.

*

Decorreu animado o torneio de tiro aos pombos, realizado domingo no *stand* do Club dos Caçadores e Atiradores civis de Guimarães.

*

No dia 15 do corrente principiam as inspecções ordinárias.

*

Está justo o casamento da sr.ª D. Maria Henriqueta Melo Sampaio Mexia (Pombeiro), neta da sr.ª baronesa de Pombeiro, com o sr. Dr. Semião de Mesquita, advogado, filho do sr. Dr. Pinto de Mesquita.

*

Estão de luto, pelo falecimento do seu tio o sr. Dr. Antonio Plácido da Costa, médico portuense, as esposas dos srs. Francisco Costa, co-proprietario da fabrica do Castanheiro e Rodrigo Pimenta.

*

Realisa-se no dia 12 do corrente a romagem de N. S. da Lapinha.

*

No mercado de cereais, efectuado no sábado, apareceram algumas

AZEVEDO

Tailleur da Avenida

GUIMARÃES

Recomenda às Ex.mas Damas que executa, pelos figurinos, todo o genero de vestido **Tailleur**, *a preços módicos. Em fatos de homem já é bem conhecido.*

Espera as ordens de V. Ex.as, bastando mesmo um postal.

António de Azevedo Ferreira

rasas de milho, que foi vendido a 1$400 e 1$500, o alqueire.

O centeio foi vendido a 1$350 e 1$450, a mesma medida.

*

Tem estado em S. Pedro do Sul o capitalista, sr. José Correia de Matos.

*

Partiram para Melgaço com suas familias os srs. José Jacinto e Florencio Leite Lage.

*

Para Caldelas seguiu a esposa do sr. João Rodrigues Loureiro.

*

Encontram-se entre nós as sr.as D. Maria e Margarida Candido Pinto, sobrinhas do sr. Francisco Candido Pinto.

*

Foram mandados apresentar no 8.º grupo de metralhadoras os srs. tenente Fraga e alferes Sampaio, ambos de infantaria 20.

*

Realisa-se brevemente na séde da Associação Comercial uma sessão solene comemorativa da inauguração do retrato do sr. Eduardo Almeida, presidente que foi daquela colectividade.

*

Um grupo de alunos da Escola Industrial «Infante D. Henrique», do Porto, veio a Guimarães, no domingo, em missão de estudo, acompanhado de alguns professores.

Visitou os principais monumentos da cidade.

*

Tem estado gravemente enferma a sr.a D. Palmira dos Anjos de Oliveira Rocha filha do sr. José Pinto da Rocha.

*

Os alunos da Oficina de S. José, festejando no dia 13 do corrente o 1.º aniversario da fundação de tam simpática instituição, vão a Braga no referido dia, em passeio recreativo.

*

Fez concurso para 2.º sargento, ficando aprovado, o 1.º cabo de infantaria 20, sr. Antonio de Freitas Santos, filho do sr. José Antonio dos Santos.

Parabêns.

*

Acompanhado de sua esposa, retirou para Braga o snr. José Marques Coelho.

*

Sua ex.a mandou distribuir pelos pobres desta cidade a quantia de 10$000, contemplando com igual quantia a Oficina de S. José.

*

Ontem, o sr. Padre Anselmo da Conceição e Siva, professor do Liceu, fês uma conferência aos seus alunos sôbre Luiz de Camões.

*

Teve a sua *délivrance* a esposa do ilustre oficial comandante da guarda republicana, desta cidade, sr. Adelino Delduque da Costa.

Parabêns.

*

Um grupo de gráficos bracarenses promove a esta cidade um passeio recreativo no próximo dia 16 de Julho.

O PARDAL NA SECÇÃO LITERARIA

Único herói

E's tu, o cavador de vergeis e campinas
magoado ao ardor do calejante estio.
E's tu que te embrenhaste p'la terra em ruínas
escarnecendo o sol e desprezando o frio.

Tu que beijas as niveas brumas matutinas,
que escutas dos trigais o seu primeiro pio
quando de manhã cêdo por entre as neblinas
te guias ao eirado estéril e vazio

E tu que tens nas mãos êsse diploma honroso
duma vida de paz a trabalhar sem gôzo
desce o vir da manhã até ao ir-se o dia,

Continuai lavrando o pão á humanidade,
ao reles vulgo que vos cobre de maldade
como prémio aos heróis de tôda a simpatia.

R. E.

FEBRE

(ao sr. Rufino Esteves apreciado poeta—)

Eu desejava—ó virgem preciosa!
Morder-te bem o rosto e de maneira
Que o sangue qu'em ti corre a vida inteira
Viesse ercaldar-me a bôca sequiosa...

Sorver, depois, com fôrça verdadeira,
Crua e ferina, quente e ansiosa;
Ver-te secar, assim como uma rosa
Quando desprende a fôlha derradeira...

Doido de gôzo, ébrio de luz e vida,
Cantar, em verso cru, a santa f'rida
Que te findasse o corpo desejado...

Para ver se o teu sangue me trazia
Uma nova alma indiferente e fria
Ante a mágua do mundo desgraçado!

Pôrto, Maio de 1916.

NOVAIS TEIXEIRA.

Minha Senhora:

Escrevo-lhe uma vez mais, e ainda muitas outras talvez porque sei que me não lê e eu assim me vou matando recordando-a sempre; porêm, se as minhas palavras de tristeza e dôr, entrecortadas de lágrimas e soluços, que para a bisbilhotice atrevidamente lanço, lhe merecerem a curiosidade de uma notícia de jornal, rotulada pela extravagante frase de um clowuesco reporter, faça-lhe a justiça de as imaginar ditadas pelo mesmo coração de sempre, mas não lhe dê apreço, que elas já nem desespero podem traduzir.

Esqueceu-me, bem o sei!... diz-mo o seu silêncio, dí-lo todo o mundo que de mim se ri com estridentes e maculadas gargalhadas de troça!...

Nunca me enganára o coração.

Este desenlace fatal, esta quebra de juramentos tinha-a eu previsto.

Fui ingénuo sempre e a minha ingenuidade há de matar-me, pois que ainda não consegui convencer-me de que a linha recta seja apenas um simples capricho geométrico, o Amor uma armadilha torpe para as almas simples e a candura uma flor atraente e infinitamente bela que nos lábios apareça apenas sem que da alma nasça.

E' certo que eu não devia ter cometido a infantil e louca impudência de erguer até aos Seus os meus olhos cheios de puro e estranho amor e que pesa sôbre mim o nefando e imensamente condenável crime de a amar, de não poder até deixar de a amar cada vez com mais ardor e intensidade, contudo, como esta minha confissão espontânea lhe possa merecer a esmola abençoada e querida duns minutos de tréguas à minha dôr, ela aqui lhe fica, para seu orgulho e não menos orgulho meu.

E' para isso ainda que lhe escrevo hoje.

Todo seu

José.